

Perfil

Uma atriz e seus papéis

Pouco conhecida do público de hoje, a atriz **Lélia Abramo** desempenhou com uma convicção única papéis importantes no teatro, no cinema e na política brasileira

Por **André Spera**

Há quem diga que a arte engajada já não faz sentido, que já desistimos das lutas e das causas sociais e que somos todos alienados depois da queda do muro. Pode ser que sim, mas essas impressões também podem ser meros resquícios do romantismo de tempos que se transformaram em capítulos de livros de história. Mas é fato que Lélia Abramo foi uma personagem importante do teatro e da política brasileira nas décadas de 1960 e 1970. Sua história se confunde com a trajetória dos imigrantes italianos e as lutas sociais que tomaram São Paulo como palco nesse período.

Lélia nasceu no Brasil e tinha 7 anos quando recebeu a notícia de que a Primeira Guerra Mundial estava para acabar. Seu pai colhia tomates na horta do casarão da Avenida Ipiranga onde viviam quando ele soube da novidade. Correu para a sala onde mantinha um grande mapa da Itália, em que ia marcando os avanços e derrotas do exército italiano, e mexeu suas pecinhas. A menina, que acompanhava a alegria do pai, não poderia imaginar que, não muito tempo depois, vivenciaria acontecimentos de mais uma guerra.

Quarta filha de um casal que sempre valorizou a cultura, Lélia tinha um aguçado senso político e humanístico, que a levou a enfrentar diversas atrocidades - talvez herança de família. Seu pai, Vincenzo Abramo (mais conhecido como Vicente) era um homem de idéias grandiosas. Um empreendedor romântico que, já em 1922, criou o esboço de um estacionamento subterrâneo que deveria ser instalado embaixo da Praça da Sé (prevendo o caos que viria com o grande número de automóveis em São Paulo). Seu avô materno, Bortolo Scarmagnan, era um homem de ideais anarcossindicalistas que veio ao Brasil e abriu uma pequena fábrica de doces italianos: panetones e *amarettis* (pequenas bolachas de nozes com sabor levemente amargo). Entretanto, Bortolo não aceitava a idéia de ficar rico - quando começou a prosperar voltou à Itália e lá permaneceu até gastar tudo que conseguira acumular.

Três de seus irmãos, Lívio, Athos e Fúlvio Abramo, foram alunos do Dante Alighieri, todos envolvidos de alguma forma com a cultura e a arte: Athos se tornaria diretor de um grupo de teatro e um importante crítico teatral; Lívio, um renomado gravador e ilustrador; e Fúlvio, jornalista como o caçula, Cláudio. Ambos se tornariam importantes jornalistas, sendo que Cláudio foi um dos maiores responsáveis pela modernização das redações de jornais como a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*. Os dois, assim como Lélia, estão entre os fundadores do Partido dos Trabalhadores.

A crise econômica do final da década de 1920 fez com que Vicente fosse obrigado a reduzir os luxos da família, que também precisou se mudar de casa. Mesmo com esses esforços, sua empresa faliu. Os planos de Lélia, então adolescente, começaram a mudar a partir daí. Ela não mais poderia estudar em Paris e, para ajudar na renda da família, passou a bordar enxovais, o que não duraria muito tempo. Aos 21 anos, arrumou um trabalho no escritório de uma fábrica de passamanarias (tecidos enfeitados). O que parecia um trabalho corriqueiro funcionou como gatilho para que Lélia se desse conta de questões sociais da época. Em sua autobiografia *Vida e arte - memórias de Lélia Abramo* (Editora Unicamp / Fundação Perseu Abramo), ela se recorda: "(...) foi aí que liguei as idéias dos autores daqueles jornais anarquistas que lia para o meu avô, com o que via sob os meus olhos!" Lélia chegou a testemunhar um gerente despedir um operário somente porque este levava no bolso do paletó um folheto com título visivelmente de esquerda.

Com a saúde debilitada, Lélia aceita em 1938 o convite do marido da irmã Beatriz para ir à Itália consultar médicos especialistas. A Inglaterra bombardeia a Itália - e nesse meio-tempo seu problema é descoberto por um renomado ginecologista italiano: cistos no ovário. Lélia fica no país esperando uma segunda operação - mas a guerra explode e, apesar de sua família enviar as

passagens de volta para o Brasil, elas não chegavam. Com poucos recursos e mudando-se constantemente, passando por grandes cidades e pequenos povoados, alojando-se em casas de conhecidos, Lélia viu os horrores da guerra em um país que não conhecia tão bem, mas com o qual possuía fortes laços afetivos. Mais de uma vez o porteiro de um dos prédios onde morou teve de avisá-la da presença de oficiais do exército fascista: além de ser brasileira, seu sobrenome era o mais judeu dos italianos: Abramo é uma espécie de adaptação lingüística de Abraão, figura bíblica relacionada à religião judaica. Lélia ficou na Itália até 1950, quando finalmente retornou ao Brasil e encontrou uma São Paulo que parecia um grande e feio canteiro de obras. Mas uma efervescência cultural tomava a cidade. Um ano antes de seu retorno, havia sido fundada a Vera Cruz, uma das primeiras produtoras do cinema nacional. Em 1950, surgiu a TV Tupi - é verdade que poucas pessoas possuíam televisão, mas o potencial das telenovelas já podia ser sentido: nas vitrines de lojas, muita gente parava para acompanhar as cenas. Lélia conseguiu se manter perto do que amava: passou a trabalhar em uma distribuidora de filmes que possuía um vasto catálogo de produções italianas.

Uma estréia tardia

Apesar de ter se tornado um nome importante do teatro brasileiro em uma época em que a arte engajada vivia seu auge, Lélia demorou para pisar em um palco como atriz. Depois de pingar entre trabalhos administrativos em lojas e fábricas de pessoas conhecidas de sua família, em 1953 Lélia conheceu um grupo italiano de teatro amador chamado *Muse Italiche* (e que pouco tempo depois se desmancharia,



Lélia em cena em *Mãe Coragem*, de Bertold Brecht, nos anos 1960

adotando o nome de *Il Guiti* ou "Os saltimbancos"). Com o *Italiche*, surgia sua primeira oportunidade de atuar. Já com 40 anos, foi rapidamente incorporada à trupe e, ainda que de maneira amadora, apresentou peças em idioma italiano. Paralelamente, no ano seguinte, passou a trabalhar como redatora na agência de notícias ANSA (Agenzia Nazionale Stampa Associati), dirigida por Giannino Carta e seus filhos, Mino e Luiz. Nessa época, já ganhava um salário melhor e fazia turnos dobrados.

Em seu livro autobiográfico, Lélia recorda a sensação arrebatadora de pisar em um palco pela primeira vez, quando teve de se controlar para não voltar à cena depois de encerrar sua pequena participação. Lélia tinha 47 anos e fez parte da primeira montagem de *Eles não usam black tie*, de Gianfrancesco Guarnieri. Considerada um marco na dramaturgia brasileira, a peça levou aos palcos, pela primeira vez, uma realidade distante da dos espectadores do teatro tradicionalmente elitista feito no Brasil: conta a história de uma greve de operários, trazendo um embate de caráter social. Por isso o título irônico em relação à alta classe, e que não deixava de cutucar o típico público das peças, que trajava social completo.

O Teatro de Arena, grupo responsável pela montagem, estava mergulhado em uma crise profunda e conseguiu se levantar graças ao

imenso sucesso da peça, que passou por diversas cidades do estado (cerca de 20), indo até Minas Gerais e o sul do Brasil. A Lélia foi destinado o papel de Romana, uma personagem "carioca do morro", com todo o trejeito que parecia ser o oposto exato do seu, marcado por um forte sotaque italiano. Dois atores do grupo chegaram a sugerir que ela desistisse. Mas foi em frente e conseguiu. Na verdade, seu desempenho foi tão bom que foi agraciada com os prêmios Saci, Associação Paulista de Críticos Teatrais, APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), e Governador do Estado de melhor atriz coadjuvante. A atriz fascinava e chamava a atenção não só no palco, mas também no meio artístico, como se recorda o jornalista e crítico teatral Jefferson Del Rios. "Era uma figura imponente, alta, extremamente culta e educada. Como boa italiana, tinha um belo jogo de mãos, era uma artista nata", conta Del Rios. Em assembleias da classe artística, em meio àquela bagunça, quando Lélia falava, todos ficavam quietos. Ela nem precisava subir no palanque para ganhar atenção, era só abrir a boca: era Dona Lélia falando.

Eles não usam black-tie foi, na verdade, um imenso trampolim, uma mola propulsora que fez com que novos convites surgissem para a atriz. Com o advento do chamado teleteatro na TV Tupi, Lélia tornou-se um rosto conhecido em

produções clássicas como *A muralha*. Era muito mais difícil atuar nesse tipo de novela, já que não havia videotape e a transmissão era ao vivo, isto é, não havia espaço para erros. Outros convites viriam, e ela finalmente havia conseguido tornar-se uma atriz de proporções muito maiores do que havia imaginado quando, ainda muito jovem, no quintal do casarão da Avenida Ipiranga, criava histórias com seus irmãos e sonhava em ser bailarina. Lélia esteve em 27 telenovelas, 14 filmes e 20 peças de teatro. Apesar do sofrimento e dos apuros sofridos no continente europeu, a atriz voltou para lá em tempos muito mais agradáveis. Del Rios se recorda de quando esteve com Lélia em Roma em 1971, quando o jornalista viajava com sua esposa e amigos. "Nos reuníamos no verão, e ela fazia um macarrão com tomates e manjerição que era bárbaro", lembra ele. "Passear com ela na cidade era especial, pois ela conhecia cada esquina e cada igreja escondida com obras de arte".

Em 1979, Lélia foi demitida da Rede Globo de maneira pouco esclarecedora. À época, a atriz gravava a novela *Pai herói*. Seu personagem subitamente morreu, e, como se a vida parodiasse a arte, Lélia sofreu seu primeiro enfarte em seguida. Na verdade, foram muitas as vezes em que o nome de Lélia foi "omitido ou esquecido" por estranhas coincidências. A partir da década de 1980, os convites de trabalho foram muito mais escassos e ela caiu em um grande ostracismo involuntário. Foi nesse período que um jovem militante chamado Tadeu Di Pietro - que viria a se tornar ator - conheceu a atriz e se recorda: "Ela era uma celebridade sim, mas uma celebridade conhecida principalmente por aqueles que lutaram. Não é exagero dizer que o grande público jamais a conheceu. Ela não fez parte do processo midiático". Lélia estava pagando com juros por toda a luta que havia declarado contra o *establishment* pró-ditadura, por sua atuação no sindicato dos atores e por um passado engajado em movimentos de esquerda e de formação trotskista. Lélia tornou-se amiga de Lula (então líder sindical dos metalúrgicos no ABC) após uma certa insistência. "Me aproximei como presidente do sindicato dos atores. Só que ele não me recebeu porque naquele tempo não queria saber de padre, estudante nem de artista", lembra ela, em seu livro. Lélia tomava três ônibus para visitá-lo, mas na época foi difícil conseguir a confiança de Lula. A verdade é que, algum tempo depois, ele já a respeitava o suficiente para levar pites e recomendações da atriz, como uma mãe faria com um filho endiabrado.

Lélia jamais deixou de militar em favor das causas sociais e, no final de sua vida, ainda freqüentava estréias do teatro. Um capítulo também lembrado por Tadeu Di Pietro durante o Fórum Mundial de



Educação, em março de 2004, ilustra bem a convicção da atriz - e sua teimosia. Nesse encontro seria discutido o golpe militar de 1964 e Lélia era uma das homenageadas da noite. Ela sentia dores por conta de uma queda que havia sofrido na madrugada anterior, mas fez questão de ir. "É preciso, vamos!", ela dizia a Di Pietro, que não teve outra alternativa senão levá-la. "Lélia sentia que era importante que os jovens soubessem da história política do país e tivessem conhecimento das lutas. E é verdade que hoje em dia não se tem mais consciência das dificuldades daquela época, não só pra quem militava, mas também para aqueles que simplesmente tentavam trabalhar e levar uma vida normal", conta o ator. Depois do discurso, Di Pietro a levou de volta para casa. Na manhã seguinte, Lélia sentiu-se mal e foi internada. Foi levada até a UTI e, aos 93 anos de idade, não resistiu a complicações decorrentes de uma fratura na bacia. Como a grande atriz que era, abraçava seus personagens de maneira apaixonada travestindo-se de ficção para tornar-se a si mesma real. Lélia agia dessa maneira também com suas crenças políticas e sociais. Mais do que qualquer outra coisa, Lélia Abramo acreditava. Para ela, tudo isso era preciso não por uma questão panfletária, mas porque era parte de sua essência.

A atriz com Tadeu Di Pietro, ator e amigo que a conheceu no período de ostracismo por que Lélia passou



Apesar de sua estréia ter sido tardia, Lélia marcou a história da dramaturgia brasileira - e também a política